

“ANÁLISE DE ESTRATÉGIA DE APRENDIZAGEM A PARTIR DE AULAS DE LE E A BUSCA DE METODOLOGIAS (TÉCNICAS) PARA A OTIMIZAÇÃO DO ENSINO DE LÍNGUAS”

1

2

ROSA, Aguida Del Grossi ; **SILVA**, Roxane Kelly Barbosa

Palavras-chave: Estratégias de Aprendizagem; Aprendizagem; Aprendizagem de Línguas;

1. JUSTIFICATIVA/BASE TEÓRICA

A partir da década de 50, presenciou-se a expansão de uma área até então não muito explorada dentro dos estudos lingüísticos: o estudo da aquisição de uma outra língua, que não a língua materna, isto devido ao processo de globalização econômica e cultural. Este processo continua nos dias atuais, em um ritmo acelerado, e o resultado disto é a necessidade geral de comunicação e interação com pessoas que falem outras línguas e, conseqüentemente almejam alcançar um bom desempenho profissional e social.

O bom desempenho que alguém pode alcançar em sua vida social e profissional está diretamente ligada a uma boa aprendizagem que pode ser alcançada pela adoção de estratégias de aprendizagem. A boa utilização destas estratégias é reconhecida desde a muito tempo atrás como ferramenta eficaz na construção do aprendizado do individuo.

Antes de haver a conscientização pelo individuo, as estratégias de aprendizagem são utilizadas, na maioria das vezes, sem intencionalidade. Mas, após o mesmo conscientizar, seu uso passa a ser intencional e adequado às diferentes situações que surgem diariamente, tornando estas, imprescindível como ferramenta facilitadora na aquisição do conhecimento.

Entre as línguas estrangeiras estudadas em nosso país, a opção pela língua inglesa e espanhola vem crescendo nos últimos anos: o inglês, por influência da “digamos” considerada potência mundial e sua influência tecnologia e o espanhol devido à influência do MERCOSUL e a proximidade do Brasil com estes países.

Sem dúvida, do ponto de vista da comunicação, os limites do mundo de hoje são mais estreitos. A agilidade dos meios de comunicação e das campanhas internacionais com competições esportivas, intercâmbios culturais e comerciais, turismo internacional, movimentos de solidariedade, unem os povos cada vez mais. Naturalmente este novo mundo globalizado está afetando o ensino de idiomas que sempre esteve ligado às mais amplas tendências políticas e sociais da humanidade. Anteriormente, há 50 anos, a globalização era muito menor e apenas a tradução e interpretação de textos era necessária na aprendizagem de um outro idioma, diferentemente do que ocorre atualmente em que todo o planeta encontra-se conectado e uma maior agilidade no quesito aprendizagem e entendimento de uma língua diferente da do falante é fator primordial.

Para o aprendizado de uma língua estrangeira deve-se levar em consideração que o aprendiz desenvolva as habilidades essenciais desta língua, ou seja, que o mesmo se comunique com proficiência e consiga pleno desempenho nesta ação comunicativa. Para tal ação, é necessário suprir o aluno em suas várias necessidades: curiosidade, satisfação pessoal, ampliação cultural, crescimento humano, integração social e outras. E neste contexto, a criatividade e produtividade são grandemente valorizadas.

Portanto há de se considerar que cada tipo de aprendiz conduz o seu conhecimento de uma certa maneira. Cada um possui a sua própria maneira de aprender. Assim, ele utiliza as estratégias de aprendizagem, na maioria das vezes, sem saber que as está usando, sem

intencionalidade. Assim, como nossos alunos diferem em comportamento e personalidade, as estratégias usadas para a aprendizagem são diferentes.

Conhecer estratégias de aprendizagem, isto é, saber como as pessoas aprendem, é de suma importância para o professor porque através desse conhecimento ele será capaz de identificar melhor a(s) dificuldade (s) de um determinado aluno ou grupo de alunos e fornecer a ele(s) meios de resolver o problema.

Características e estratégias de aprendizagem são particularidades de cada aluno e devem ser reconhecidas em sua totalidade pelo professor, para que a melhor forma de explanação de conteúdo seja explorada em sala de aula.

Podemos, assim, sintetizar que os estilos de aprendizagem são características internas nem sempre conscientes. Associadas aos estilos, estão as ações utilizadas pelos aprendizes, geralmente, de forma consciente, para impulsionar sua aprendizagem. Essas ações são as estratégias de aprendizagem.

Após conscientização das estratégias de aprendizagem, seu uso passa a ser intencional e adequado às diferentes situações do cotidiano, tornando-se especialmente importantes como ferramentas para o movimento ativo e auto-dirigido, na aquisição do conhecimento.

Segundo Cohen et alli (1996),

Estratégias de aprendizagem e de uso da língua estrangeira são passos ou ações selecionados pelos aprendizes para melhorar a aprendizagem ou o uso da língua, ou ambos. (...), são pensamentos e comportamentos conscientes que os alunos utilizam para facilitar as tarefas de aprendizagem e personalizar o processo de aprendizagem da língua.

Estas estratégias são utilizadas freqüentemente em conjunto, sendo sua ordem flexível. Por exemplo: na resolução de uma tarefa o aprendiz pode utilizar *estratégias cognitivas* para analisar o problema, *estratégias compensatórias* para compensar a ausência de algum conhecimento, *estratégias de memorização* para recuperar informações armazenadas em sua memória, *estratégias afetivas* para relaxar o seu auto-encorajar, *estratégias metacognitivas* para planejar a ação e estratégias sociais na busca de ajuda para a tarefa.

Toda e qualquer ação pressupõe uma estratégia para sua realização. Essas estratégias nem sempre são passíveis de observação, por envolverem um processo mental. Isto também ocorre com as Estratégias de Aprendizagem: algumas são observáveis pelo comportamento do aprendiz; outras, porém, são mais difíceis de detectar. Algumas são utilizadas fora da sala de aula, em situações informais, dificultando a observação do pesquisador.

Podemos deduzir então, que as estratégias de aprendizagem são acionadas para a solução de problemas encontrados no desenvolvimento de qualquer tarefa que nela esteja envolvida conhecimento, independente que seja lingüística, mas toda e qualquer atividade que envolva raciocínio.

Assim, como os aprendizes diferem em comportamento e personalidade, as estratégias usadas para a aprendizagem são diferentes: Em seu artigo, *Estratégias de Aprendizagem de Língua Estrangeira: uma breve introdução*, Coscarelli cita Rubin (1975), que relata as características mais comuns do 'bom aprendiz' de língua estrangeira, sendo elas:

- 1) O bom aprendiz deve ser um bom 'adivinhador', a partir das palavras que ele entende, ele infere o que não entendeu, isto é, procura ativamente por pistas sobre o significado;
- 2) Tem um forte desejo de se comunicar e aprende a partir das situações de comunicação. Não tem vergonha de fazer qualquer coisa para garantir a transmissão da mensagem;
- 3) Geralmente não é inibido. Não tem medo de cometer erros;
- 4) Está atento à forma e procura padrões na língua;
- 5) Pratica, ou seja, cria oportunidades para praticar o que aprendeu e para ter contato com a língua que está aprendendo além do ambiente da sala de aula;

- 6) Monitora, está atento a como sua fala está sendo recebida. Aprende com os próprios erros;
- 7) Está atento ao significado e ao contexto da fala;
- 8) Desenvolve os aspectos fonológicos que melhor garantem a inteligibilidade. (Coscarelli: 1997)

É bom ressaltar que nem todos os bons aprendizes devem apresentar todas as características citadas acima. Alguns usarão uma das estratégias acima, outros mais de uma. Outros desenvolverão até mesmo as suas próprias.

Portanto, a lista acima serve apenas de referência para se analisar melhor os aprendizes e não como uma cartilha a ser seguida à risca. O professor deve estar atento às estratégias usadas por cada aprendiz para assim poder intervir da melhor maneira, facilitando o aprendizado.

Ainda segundo Coscarelli, é de responsabilidade do professor fazer com que os alunos desenvolvam estratégias de aprendizagem mais efetivas, é dele o papel de “*ajudar o aluno a aprender como aprender*”. Algumas características do bom aprendiz de línguas foram citadas acima, ajudando o professor como ter uma noção de como ajudar os alunos com dificuldades na aprendizagem.

Uma vez conhecendo as estratégias de aprendizagem e as características básicas, inerentes ao bom aprendiz de línguas, pode-se traçar o perfil dos aprendizes para assim ajudar o aluno a vencer obstáculos quanto ao aprendizado de uma segunda língua.

2. OBJETIVOS

Este projeto de pesquisa analisa sobre os diversos tipos de estratégias e a busca de metodologias para que estas estratégias sejam aplicadas eficientemente. Nosso objetivo, inicialmente é fazer um estudo bibliográfico sobre as estratégias de aprendizagem de diversos teóricos e, também, pesquisar a eficácia do Laboratório de Línguas da nossa universidade. Este laboratório foi ganho pelo MEC no ano de 2004 e é, portanto, um importante instrumento para o trabalho prático de línguas (estrangeiras), no qual os professores utilizam-no tanto em aulas da Graduação como também no “Centro de Línguas”. Pretendemos, fazer um paralelo com relação ao início do semestre – em que se trabalhará menos com o laboratório de idiomas – e com o final do semestre no qual pretendemos trabalhar o dobro do tempo com o laboratório. Pretendemos ainda, montar um gráfico para constatar se o laboratório de línguas realmente resulta em uma melhora no processo de ensino / aprendizagem de língua estrangeira, mais especificamente, no que tange as habilidades lingüísticas de oralidade e audição. Nossa intenção é despertar a consciência para o uso do Laboratório de Línguas, com a incumbência de ensinar de uma maneira lúdica e criativa.

3. METODOLOGIA

Para realizarmos este projeto, iremos fazer um estudo bibliográfico sobre as estratégias de aprendizagem, cujo estudo inicial ocorreu em 1979, quando Wong e Filmore (apud: MOURA, 1992:38-42) conceberam duas classes de estratégias: sociais e cognitivas. E em 1987, Joan Rubim, (ibid., p.43-52) classificou-as em dois grupos: a) estratégias que contribuem diretamente para a aprendizagem (diretas); e b) estratégias que contribuem indiretamente para a aprendizagem (indiretas). Rubin inclui estratégias metacognitivas entre as diretas, e as estratégias cognitivas na classe de indiretas, porém não inclui nenhuma estratégia afetiva a sua classificação. Só mais tarde O’ Malley et alii (ibid., p.30-35) que classificaram as estratégias em metacognitivas, cognitivas e sociais / afetivas. O’ Malley et alii apresentou em sua classificação um grande avanço em relação às anteriores, principalmente ao considerar manifestações afetivas como integrantes do rol de estratégias de aprendizagem.

Já em 1991, Oxford (1990:16) apresentou uma classificação mais abrangente do que as anteriores, aceitando a possibilidade da participação de estratégias em níveis diretos e

indiretos, mas com uma interpretação diferente de Rubin, pois considerou estratégias diretas as que têm relação direta com a língua, e indiretas as que dão suporte e dirigem o aprendizado, sem envolvimento direto com a língua alvo.

Toda e qualquer ação pressupõe uma estratégia para sua realização. Essas estratégias nem sempre são passíveis de observação, por envolverem um processo mental. Isto também ocorre com as Estratégias de Aprendizagem: algumas são observáveis pelo comportamento do aprendiz; outras, porém, são mais difíceis de detectar. Algumas são utilizadas fora da sala de aula, em situações informais, dificultando a observação do pesquisador. Por esse motivo, como parte de nossa metodologia de trabalho, para acessar tais estratégias é preciso questionar os aprendizes, confiando em suas respostas.

Assim, além da observação em sala de aula, gravação de aulas e entrevistas como parte de nossa metodologia iremos aplicar um formulário adaptado de Oxford (op.cit), cujas respostas nos darão maior segurança na definição de quais estratégias possui uma maior eficácia auxílio da aprendizagem do aluno.

Será elaborado também, um Modelo Metodológico que contemple a importância e as facilidades que o Laboratório de Línguas oferece aos alunos e professores para que o resultado culmine em aulas mais dinâmicas, criativas e prazerosas, levando em consideração que tipo de estratégias o professor pode utilizar de forma mais otimizada a fim de atingir seu objetivo.

4. ANÁLISE DE DADOS

A etapa de coleta de dados e análise do funcionamento das estratégias de aprendizagem, juntamente com a análise da eficácia do Laboratório de Línguas da nossa universidade encontra-se em fase inicial. Portanto, não é possível apontarmos alguns dados mesmo de maneira preliminar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa encontra-se em fase de desenvolvimento, não sendo possível (como já mencionado anteriormente) apresentarmos nem ao menos uma conclusão parcial.

6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICA.

AMORIM, Vanessa; MAGALHÃES, Vivian. *Cem aulas sem tédio*. Instituto Padre Réus.

BROWN, D. *Principles of language learning and teaching*. Englewood Cliffs: Prentice Hall Regents, 1994.

CAVALCANTI, Masrilda C.; LOPES, Luiz Paulo da Moita. Implementação de Pesquisa na Sala de aula de Língua Estrangeira. In: *Trabalhos em Lingüística Aplicada (17)* Campinas: UNICAMP/IEL, p.133-143, 1991.

COHEN, Andrew D., WEAVER, Susan J, & LI, Tao-Yuan. *The impact of strategies-based instruction on speaking a foreign language*. Minneapolis: National Language Resource Center / The Center for advanced Research on Language Acquisition, 1996. 48p. (Relatório)

CORDER, S. P. Strategies of Communication. In: FAERCH, C.; KASPER, G. (ed.) *Strategies in interlanguage communication*. London: Longman, 1983. p.15-19

COSCARELLI, C. v..*Estratégias de Aprendizagem de Língua Estrangeira: uma breve introdução*. Educação e Tecnologia. Belo Horizonte: CEFET/MG. 1997.

OXFORD, Rebecca L., *Language Learning Strategies – What Every Teacher Should Know*. Boston: Newbury House, 1990.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. Input organization, In: LEFFA, Vilson J. Input organization. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994. p.311-322

TARONE, E. *Communication Strategies, foreigner talk, and repair in interlanguage*. *Language Learning*, v.30, n.2, p.417-431, 1980

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

¹ Bolsista de iniciação científica do PROLICEN. Universidade Federal de Goiás / Campus de Catalão / CAC/UFG aguidagrossi@uol.com.br

² Orientadora. Universidade Federal de Goiás / Campus de Catalão / CAC/UFG. rkellybs@hotmail.com